

# FORMAÇÃO DE LEITORES NA PERSPECTIVA DA TRANSCRIÇÃO

*Data de aceite: 29/07/2024*

**Veridiana Moreira Garcia Oliveira**

**Divino Jose Pinto**

**RESUMO:** o presente texto discorrerá sobre uma efetiva necessidade de formação de leitores na primeira fase do ensino fundamental a partir da perspectiva do pequeno leitor, sobretudo quando ele é convidado a transcriber nomes, sentimentos, lugares, dentre outras várias nuances do cotidiano, em uma linguagem que ressignifique uma percepção cristalizada. Além da discussão teórica que contempla a formação de leitores, a especificidade do texto literário, a literatura infantil e a transcrição como forma de reelaboração da linguagem, a pesquisa se debruça sobre um festival que articula, a sua maneira, essa formação de leitores com uma subversão da linguagem: o **Pipoesia**, do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás (CEPAE-UFG). Considerando que a ação da leitura literária deveria ser apresentada como um exercício sem o abandono do prazer e com o compromisso de conhecimento que todo saber exige, assegurando o efetivo domínio

do letramento literário, as discussões aqui empreendidas tentam buscar como ocorre a transcrição de diversos textos, por meio das mais variadas linguagens interartísticas, em literatura, e como essa transcrição atende à necessidade de cumprir o acesso à literatura como um direito inalienável, como preconizou Antonio Candido.

**PALAVRAS-CHAVE:** Formação de leitores. Letramento literário. Transcrição.

**ABSTRACT:** The present text will discuss an effective need to train readers in the first phase of primary schools from the perspective of the young reader, especially when he/she is invited to transcribe names, feelings, places, among other various nuances of everyday life, in a language that resignifies a crystallized perception. Besides the theoretical discussion that contemplates the formation of readers, the specificity of the literary text, children's literature and transcription as a form of re-elaboration of language, the research focuses on a festival that articulates, in its own way, this formation of readers with a subversion of language: Pipoesia, from the Center for Teaching and Research Applied to Education of the Federal University of Goiás (CEPAE-UFG). Considering that the action of literary

reading should be presented as an exercise without the abandonment of pleasure and with the commitment of knowledge that all knowledge requires, ensuring the effective domain of literary literacy, the discussions here undertaken intend to seek how the transcription of various texts occurs, through the most varied interartistic languages, in literature, and how this transcription meets the need to fulfill the access to literature as an inalienable right, as advocated by Antonio Candido.

**KEYWORDS:** Reader education. Literary literacy. Transcreation.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Muito se tem lido e visto sobre o processo de formação de leitores, seja em textos basilares na formação de professores, seja em práticas pedagógicas entre os muros da escola. É fato de que a efetiva necessidade para a formação de leitores, principalmente, na primeira fase do ensino fundamental – e aqui não retiramos os anos iniciais e finais do processo, mas voltemos nosso olhar para a educação básica pensando no processo de alfabetização, de letramento e, sobretudo, de letramento literário – precisa ter o seu olhar voltado para uma formação que vá para além do espaço escolar. É neste momento da formação de leitores que se deve oportunizar aos alunos o estabelecimento de uma interação e de um vínculo que sejam próximos da língua escrita e do próprio ato de leitura (BALDI, 2009).

Ao se pensar em um processo de formação de leitores, primeiramente precisamos atentar de que forma este leitor lê. Antes mesmo de codificar e decodificar códigos (sejam estes: letras, símbolos, números), o aluno tem uma leitura de mundo, ao qual veremos em SOARES (1998) como sendo o letramento, descrito não como a habilidade de ler e de escrever fluentemente, como vemos no processo da alfabetização, mas de apropriação da escrita e das práticas sociais. Vê-se então a necessidade de considerar todas as etapas do processo, desde o letramento, passando para a alfabetização, na qual envolveremos – e aí já perpassando por todas as etapas da educação básica aqui proposta – o letramento literário.

De acordo com COSSON (2006), o processo de letramento literário se faz via textos literários e compreende, não apenas uma dimensão diferenciada do uso social da escrita, mas, sobretudo, uma forma de efetivamente assegurar o seu domínio. Portanto, para efetivar o letramento literário no processo de formação de leitores, é necessário ampliar a visão para além da competência leitora e escritora, é preciso ir além do processo de letramento. Efetivamente, para trabalhar com a literatura, esta precisa alimentar a imaginação dos alunos, precisa oferecer fruição para que eles descubram seus encantos, é preciso garantir o prazer pelo ato de ler.

Neste sentido, lemos em CANDIDO (1972) que a literatura precisa ser vista como uma força humanizadora, e não como um sistema de obras. Ela precisa exprimir o homem e depois atuar na própria formação do homem. A literatura se torna cerne neste processo,

ela se torna basilar para a formação do leitor, sobretudo, para a formação humana, vista em Candido como o direito do homem.

Ao pensar nesta proposta de literatura é que o Festival Pipoesia, que acontece na escola CEPAE da UFG anualmente, será o ponto de encontro desta pesquisa na prática. É com o olhar voltado para a formação de leitores que, intentamos ver neste Festival, o assegurar da formação leitora de crianças na Educação Básica. É visualizar como a literatura infantil no Brasil participa ativamente deste processo, fundados nas contribuições de LAJOLO e ZILBERMAN (2017), que nos convidam a adotar “uma nova e uma outra” postura em relação a leitura literária nos dias atuais.

## **Formação de leitores – do letramento ao letramento literário**

O trabalho a ser desenvolvido, terá como uma de suas duas bases, o campo da formação de leitores. Ora, para que eu pense em formação de leitores, é basilar que se pense nos caminhos a serem percorridos para que se forme um leitor. Para isso, compactuamos, com a ideia de letramento que lemos em Magda Soares.

Em SOARES (1999) podemos salientar que o letramento é visto como uma forma de encontrar prazer em diferentes atos, ou maneiras de ler, levando em consideração os locais de leitura mais diversos e em condições diferentes. Neste contexto, a autora define que não é na escola que se lê. As crianças, pode-se afirmar, trazem diferentes bagagens de letramento, que são ofertadas no ambiente familiar e social de cada uma, isso antes de ingressarem no ambiente escolar. Por este fato, SOARES (1999) afirma que as crianças diferem umas das outras quando iniciam o seu processo de alfabetização, este nunca é igual.

Portanto, para que se valorize cada criança em sua individualidade e em suas especificidades, o processo de alfabetização não pode ser entendido como aquele em que só aprende a codificar e a decodificar, assim o pequeno leitor não vai dominar a língua escrita. Para além de aprender a “tecnologia” de pegar no lápis, fazer a punção correta no papel, produzindo a sua escrita da esquerda para a direita, registrando na escrita a forma como que se fala; deve-se lembrar que a escrita serve para alguma coisa, como diz Soares, ela serve para as funções sociais, é ao uso das funções sociais da língua escrita que chamamos de letramento. O termo aprendizagem inicial da língua escrita soa melhor quando tratamos então de alfabetização e letramento. Vejamos:

Retomemos a grande diferença entre alfabetização e letramento e entre alfabetizado e letrado [...] um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado; alfabetizado é aquele indivíduo que saber ler e escrever, já o indivíduo letrado, indivíduo que vive em estado de letramento, é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e de escrita. (SOARES 1998, p. 39/40).

Valorizemos o letramento com um conceito complexo e diversificado, pois que este envolve a escrita em várias e heterogêneas práticas sociais, que aparecem em diferentes contextos, na família, na igreja, no trabalho, nas mídias digitais e impressas, e em grupos sociais que apresentam valores, comportamentos e interações diferentes. Por este motivo, muito mais do que codificar e decodificar palavras, sílabas, letras, resumidamente, o letramento é entendido como o uso social daquilo que escrevemos e lemos. Quando pensamos em alunos que exercem o ato de ler, pensamos em um processo em que se formam leitores que exerçam, em diferentes contextos, o uso social do ato de ler e de escrever. Não se deve enquadrar o saber, se deve expandir para além do uso do caderno, para além das paredes da sala de aula, para além dos muros da escola.

A este movimento, de propiciar um trabalho voltado para as práticas de linguagem em geral, BALDI (2009) salienta que o trabalho com textos literários faz considerar a diversidade, a continuidade, a simultaneidade, a progressão, com o intuito de imergir os alunos no universo literário desejado, com o foco a ser trabalhado pois que é por meio de uma interação dirigida e intencionalmente provocada com o objeto de conhecimento que os alunos serão enriquecidos.

Isso permitirá que as crianças se apropriem da linguagem escrita, mesmo sem estarem alfabetizadas, conseguindo muitas vezes memorizar trechos completos das histórias, do jeito que estão escritas nos livros, realizando uma leitura ou simplesmente recontando-as ou inventando-as. (BALDI, 2009. p. 18).

Proporcionar no processo de letramento o contato direto com os textos literários, como o próprio livro literário, buscando estratégias de leituras nas quais as crianças possam ser ouvintes e partícipes, sendo estas socializadas, individualizadas ou mediadas, oferece à criança experiência de fruição, de se encantar com a literatura, de elevar a sua imaginação. É por meio deste processo, que leva em consideração a individualidade da criança, o seu processo de letramento (que já trás consigo de suas vivências sociais e familiares) e a faz partícipe no ato de ler, de escrever e de produzir; que a criança se envolverá no letramento, dará voz ao que está escrevendo, compreenderá a função social de suas produções e do que o outro produz. É muito além do que ler para si, ou para o outro, é ler para o mundo, é ler o mundo.

Por meio do letramento, entendido aqui com as contribuições de Magda Soares, por meio de uma leitura de mundo que precede a leitura da palavra, chegamos ao letramento literário. Assim como BALDI (2009), COSSON (2006), que também compõem o referencial teórico desta parte do trabalho, vai desenvolver uma proposta de letramento literário.

Em toda proposta, BALDI evidencia a importância de se encontrar um tempo e um espaço para a vivência de momentos de leitura e que seja propiciado em todos os níveis de escolaridade, envolvendo simultaneamente um conjunto de experiências de leitura na qual não se sai igual, nem aluno e nem professores. Tal proposta valoriza e prioriza a leitura

de tal forma a garantir uma qualidade na rotina escolar. As devidas condições, segundo BALDI (2009) fazem a diferença na aprendizagem do aluno, em termos de frequência e intensidade com a qual se relaciona com o livro e a leitura, o que permite à escola cumprir o seu papel, indo além do discurso.

No mesmo movimento, COSSON (2006) defende e apresenta o letramento literário de forma a valorizar o processo de escolarização da literatura, reformando, fortalecendo e ampliando a educação literária. Assim, Rildo propõe formar uma comunidade de leitores, reconhecendo os laços que unem seus membros no espaço e no tempo com uma maneira própria de ver e de viver no mundo. Lá como cá, o letramento literário trata-se não de uma aquisição da habilidade de ler e escrever, como Magda Soares salienta, e sim como a apropriação da escrita e das práticas sociais que estão a ela relacionadas. Com uma configuração especial, o letramento literário proposto

[...] compreende não apenas uma dimensão diferenciada do uso social da escrita, mas também, e sobretudo, uma forma de assegurar seu efetivo domínio. Daí a sua importância na escola, ou melhor, sua importância em qualquer processo de letramento, seja aquele oferecido pela escola, seja aquele que se encontra difuso na sociedade. (COSSON, 2006, p. 12).

Neste contexto, o ensino da literatura é abordado como uma prática significativa, ou seja, é a ação da leitura, sem o abandono do prazer, com o compromisso do conhecimento e acentuando o efetivo domínio do letramento literário. É importante perceber que o letramento literário não começa e não se finda na escola, ele está e precisa estar presente em todas as esferas do ser humano, tal qual CANDIDO (1988) afirma, a necessidade de cumprir o acesso a literatura como um direito inalienável, sendo este admitido como um bem incompreensível e que garante, para além da sobrevivência física, a integridade espiritual. O autor pontua a capacidade que a literatura tem de confirmar a humanidade do homem, de apresentar variações sobre sua função humanizadora. E é este conceito de função que representa o papel da obra literária na sociedade, de ter a literatura uma força humanizadora, não como um sistema de obras, mas como algo que exprime o homem e que, em consequente atua na própria formação do homem CANDIDO (1972).

A literatura apresenta-se como um papel de trazer livremente em si o que chamamos de bem e de mal, não edificando e nem corrompendo o homem, mas o humanizando em um sentido profundo, porque o faz viver CANDIDO (1972). Corroborando com a fala de Candido, COMPAGNON (2009), ao escrever sobre a literatura, registra que

“Lemos, mesmo se ler não é indispensável para viver, porque a vida é mais cômoda, mais clara, mais ampla para aqueles que leem que para aqueles que não leem. Primeiramente, em um sentido bastante simples, viver é mais fácil – eu pensava nisso ultimamente na China – para aqueles que sabem ler, não somente as informações, os manuais de instrução, as receitas médicas, os jornais e as cédulas de voto, mas também a literatura”. (COMPAGNON, 2009, p. 29).

Acompanhando as escritas de COMPAGNON (2009), podemos compreender que a literatura pode e deve ser lida porque oferece um meio de transmitir e preservar as experiências dos outros, mesmo aqueles que estão distantes de nós, tornando-nos assim sensíveis. Dada a importância da literatura no processo de formação de leitores, passemos para o próximo campo de estudos.

## **Formação de leitores – chegada ao Pipoesia**

Ao pensar no porquê do letramento literário, retomemos a função da escola, que tem como base a formação do cidadão. E neste processo temos a leitura de textos estéticos, logo a literatura não pode estar circunscrita, ou seja, limitada, aos muros da escola, ela precisa ir para além. Neste contexto precisamos clarificar que, não formamos sujeitos para ocupar um espaço escolar, formamos sujeitos para a vida, para exercer a cidadania na sociedade. Logo chegamos ao segundo grande campo de estudos deste trabalho, à base da literatura infantil brasileira.

Lemos em LAJOLO, ZILBERMAN (2017) uma trajetória desde o livro, perpassando pelo conceito de literatura e como esta se apresentou em longos espaços e tempos, até chegarmos na atualidade. As autoras afirmam que

“[...] a literatura nasceu quando começou a era do livro. Antes dele, havia a poesia, a imagem, o som, que se produziam e eram transmitidos por meio da voz, do corpo, do olhar e da audição. A visão foi desviada para as letras, quando se disseminou o emprego da escrita.” (LAJOLO, ZILBERMAN, 2017, p. 23).

Foi na trajetória que a prática da leitura silenciosa foi favorecida, depois com a origem de novos gêneros houve a possibilidade de ampliação das formas narrativas, tais quais o conto, o romance, a novela, dentre outras que definiam por meio de critérios cada uma delas. É neste movimento que as autoras convidam o leitor a adotar uma nova e uma outra história, desenvolvendo uma nova postura em relação à leitura literária nos dias atuais.

Pensando nesta especificidade de um novo olhar para a leitura literária, de uma concepção de formar leitores na primeira fase do ensino fundamental a partir da perspectiva do pequeno leitor e, sobretudo, quando este é convidado a ser partícipe de todo processo, é que neste trabalho buscamos um novo e um outro olhar para a formação de leitores.

Na perspectiva do pequeno leitor, sobretudo quando ele é convidado a transcriar nomes, sentimentos, lugares, dentre outras várias nuances do cotidiano, em uma linguagem que ressignifique uma percepção cristalizada é que desenvolvemos este projeto de pesquisa, com base na formação de leitores e na ideia da literatura infantil no Brasil, buscando no Festival Pipoesia convergir os campos de fundamentação teórica.

Além da discussão teórica, a pesquisa se debruça sobre um festival que articula, a sua maneira, essa formação de leitores com uma subversão da linguagem. O Pipoesia, é um festival do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás (CEPAE-UFG), que se definiu como “um convite a cantar, brincar, vocalizar poemas, expor, produzir vídeos, subverter a linguagem, o tempo e o vento, fazer peraltagens com a palavra, com as imagens, com a voz” (SILVEIRA, 2021). Apresenta como objetivo o incentivo a leitura de poesias entre crianças e adolescentes, realizado desde 2008 , com a pipa como um desafio para que os alunos pensem de que forma levar a poesia a vários lugares e a várias pessoas.

Com a finalidade de entender que o Pipoesia é vinculado a uma ideia de literatura infantil no Brasil e da formação de leitores, intentamos descobrir como se dá o processo de formação de leitores, sobretudo, a partir das transformações da linguagem para aqueles sujeitos que estão no processo de formação de leitores. Com palavras da coordenadora do projeto, Célia, o Pipoesia pega essa linguagem e a subverte, ele tenta colocar do avesso essa linguagem vendo novas potencialidades criativas e de expressão no âmbito da linguagem.

O Pipoesia se caracteriza a partir dessa transformação de uma linguagem gasta do cotidiano. No processo, os pequenos leitores são convidados a subverter esta linguagem, eles são, verdadeiramente subversivos, são indômitos, são criativos, seja no uso da linguagem, seja nas expressões artísticas. Até o presente momento da pesquisa, vê-se que o Pipoesia não é apenas leitura de poema, nele o sujeito canta, declama, brinca, vai soltar pipa, daí o nome Pipoesia, que já é exemplar dessa subversão. A partir dessa subversão da linguagem, aliamos-nos aos objetivos da literatura infantil, com vistas na formação de leitores.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Considerando que a ação da leitura literária deveria ser apresentada como um exercício sem o abandono do prazer e com o compromisso de conhecimento que todo saber exige, assegurando o efetivo domínio do letramento literário, as discussões aqui empreendidas intentam buscar como ocorre a transcrição de diversos textos, por meio das mais variadas linguagens interartísticas, em literatura, e como essa transcrição atende à necessidade de cumprir o acesso à literatura como um direito inalienável, como preconizou Antonio Candido.

## REFERÊNCIAS

BALDI, Elizabeth. **Leitura nas séries iniciais**: uma proposta para formação de leitores de literatura. Porto Alegre: Editora Projeto, 2009.

CANDIDO, Antonio. **A literatura e a formação do homem**. Ciência e Cultura. São Paulo, p. 81-90, 1972.

\_\_\_\_\_. **O direito à literatura**. In: CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. São Paulo: Duas cidades, 1995.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?** – Tradução de Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário**: teoria e prática. 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009.

LAJOLO, Marisa. ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira**: uma outra / nova história. Curitiba: PUCPRESS, 2017.

SOARES, Magda. **Alfabetrar**: toda criança pode aprender a ler e a escrever. 1.ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2021.

SOARES, Magda. **Letramento e alfabetização**: as muitas facetas. Minas Gerais. CALE/UFMG, 2003.